

Existe em Miguéis uma contradição entre um romantismo radical e a aversão ao conflito, uma descrença no próprio radicalismo, se não em termos teóricos, pelo menos na situação concreta do país. A ambição de Paz e Liberdade que Miguéis tem para todos os homens e para os portugueses situa-se muito mais perfeitamente nos termos de uma dialéctica opressor-oprimido, sejam eles quais forem, que no campo teórico da dicotomia burguesia-proletariado.

O proletariado português é muito restrito e os «oprimidos» são, para Miguéis, uma camada muito mais vasta e para ele muito mais significativa do povo. O seu combate político é contra a grande burguesia da indústria e da finança – que no período da República controla, por cima dos partidos, a economia portuguesa e que, incomodada pelos «políticos», apoiará a ditadura.

Por outro lado, na sua análise política e psicológica do burguês odiado – o argentário, o novo-rico, o «de cima» – e do burguês explorado – o pobre, o arruinado, o «de baixo» que, na sua generosidade, nunca «passará da cepa torta» – Miguéis acaba por encontrar o burguês simplesmente; e é aí, nas misérias e grandezas de uma classe dividida, indecisa, volúvel, enganada pela propaganda e sem ninguém que a represente, que Miguéis encontra a sua gente e se encontrará a si próprio.

Será este caminho – o do descoberta de si próprio e o assumir duma condição e de uma situação de momento sem saída – a causa do seu sofrimento e a razão de ser da sua ironia? Da forma como, ora com orgulho, ora com desprazer e mesmo a contragosto se assume como burguês, português, «lusitanus vulgaris»?

Esperemos que os inéditos no-lo revelem pois, para bem nosso e mal dele, Miguéis é o escritor que mais expressivamente nos dá o testemunho da frustração política da sua geração.

XII. MIGUÉIS – TESTEMUNHA E VIAJANTE

Gerald M. Moser

I

José Claudino Rodrigues Miguéis, que preferia ser conhecido por José R. Miguéis, quando adquiriu a cidadania americana, passou cerca de metade da sua longa vida (1901-1980) em Manhattan. Sabia bem inglês, tal como francês e espanhol; mas escreveu em português, a sua língua mãe. Por essa razão, poucos neste país conhecem as suas obras, apesar de poderem ser consideradas das melhores e mais claras obras de prosa escritas no nosso tempo e que retratam as vidas de pessoas comuns passadas nos primeiros 30 anos do século xx. Nessas vidas procurou respostas para os enigmas complexos e contraditórios da natureza humana.

Finalmente, uma colecção de histórias de Miguéis ficou acessível a um público mais vasto, através da tradução em inglês. Quem foi este autor que procurou refúgio no anonimato que uma grande cidade como Nova Iorque pode oferecer?

Miguéis nasceu no princípio do século xx em Lisboa, a linda cidade portuária e capital de Portugal, oriundo de uma família da classe média e de origens humildes. No decorrer da sua infância, o país atravessou períodos conturbados após o assassinio do rei e do príncipe herdeiro, a proclamação da República e uma série de golpes militares que, finalmente, a substituiu por um regime de ditadura fascista. Tendo desempenhado um papel activo em movimentos moderadamente socialistas, como na *Seara Nova*, enquanto estudante de Direito, desenvolveu simultaneamente mais duas carreiras, tornando-se ilustrador durante algum tempo e escritor toda a vida. Como escritor, contribuiu com inúmeras narrativas e episódios em prosa para periódicos a

1932
D... partir de 1923. Em 1932, apareceu o seu primeiro livro, *Páscoa Feliz*, uma novela com um protagonista paranóico e esquizofrénico que conta a própria história. A obra chamou a atenção de críticos influentes em Portugal e Miguéis tornou-se conhecido, embora, nessa altura, estivesse a estudar Ciências Pedagógicas na Bélgica. Essa estada de dois anos teria um efeito duradouro, fornecendo-lhe muitas ideias para futuras histórias, como *Léah*. Levou-o também a contactar com muitos expatriados, particularmente os russos da colónia branca em Bruxelas.

1935
E... A actividade política só originou disputas no interior das organizações e permanente desilusão. Para além disso, a sua escrita aborreceu os censores sob as ordens do regime de Oliveira Salazar, de tal forma que o proibiram de publicar o que quer que fosse usando o seu nome verdadeiro. Nessa altura, Miguéis decidiu exilar-se. Em 1935, veio para os Estados Unidos como visitante. Rapidamente fixou residência e em sete anos tornou-se cidadão americano, logo após a entrada do nosso país na Segunda Guerra Mundial. De 1942 a 1951, trabalhou como editor e tradutor para a edição portuguesa do *Reader's Digest*, período que incluiu uma estada no Brasil, por razões de trabalho, durante quase um ano. Outro dos seus livros, o segundo, tinha sido já publicado no Rio de Janeiro: *Onde a Noite Se Acaba* (1946), uma colecção de contos que inclui a primeira história referida na presente antologia. Nesse mesmo ano de 1946, voltou a Portugal para estar com a família enquanto recuperava de uma série de doenças preocupantes. A partir dessa altura, viajaria incansavelmente entre Nova Iorque e Lisboa, sentindo imediatamente saudades do sítio de onde vinha quando chegava ao outro. Assim, viajou para Lisboa seis vezes, em 1946, 1952, 1957-1959, 1963-1964, 1966 e 1967. Sentia um desejo angustiante de se integrar no único país em que podia contar com leitores fiéis. Sonho que quase viu realizar-se quando alcançou o cume da celebridade local como vencedor de um prémio literário novo, não atribuído pelo governo, como era a maioria, mas pelos editores e escritores. Ganhou-o pela colecção *Léah e Outras Histórias* (1959). No entanto, parecia despertar mais invejas e ciúmes do que admiração entre os intelectuais portugueses, que se ressentiam com o sucesso de um «intruso». Ele achou a vida em Portugal demasiado maçadora e

regressou à América. A terceira visita que fez ao país natal começou também por ser auspiciosa, mas quando os censores proibiram inesperadamente a publicação do seu novo romance em folhetins, intitulado *Idealista no Mundo Real*, tomou consciência da necessidade de liberdade. A saúde debilitante impediu-o de fazer mais viagens transatlânticas a partir de 1967.

Nos últimos anos de vida, concentrou-se inteiramente na escrita, desistindo de viajar e de fazer intervenções públicas mesmo nos Estados Unidos. A correspondência com amigos foi praticamente interrompida. No dia 27 de Outubro de 1980, um repentino e devastador ataque cardíaco pôs fim à sua vida na cidade de Nova Iorque. A viúva do escritor, Camila, levou as suas cinzas para Lisboa, para serem depositadas no Alto de São João, o maior cemitério da cidade, próximo do velho apartamento do casal.

Até à data, todos os livros de Miguéis (excepto um) e todos os seus artigos foram publicados em Portugal, seu verdadeiro lar espiritual até ao fim, apesar da afeição que sentia pelo país de adopção. Escrever em português não favorecia a sua posição face aos autores americanos, que podiam ser lidos pelos leitores de muitos outros países de língua inglesa.

1946
1959 Nesta era de milhões de refugiados, o escritor expatriado partilha o mesmo destino. Apesar de Miguéis se ter exilado por vontade própria, podia regressar a Portugal se quisesse; a vida em Portugal significava ter de enfrentar uma outra emigração «interior». Centenas de intelectuais liberais e de esquerda não poderiam falar ou escrever em liberdade durante cerca de cinquenta anos, até ao colapso da ditadura em 1974. Entre eles encontravam-se os seus melhores amigos, como a companheira de escrita e pedagoga Irene Lisboa, que tentou dissuadi-lo em 1938 de regressar à prisão espiritual que era Portugal: «Tem saudades de Portugal? Esqueça-o. E não volte.» No entanto, quase nenhuns escritores portugueses tinham acompanhado os milhares de pobres, marinheiros analfabetos, camponeses e trabalhadores que procuraram uma vida melhor na América. Miguéis foi a única grande excepção. Sentindo-se isolado durante a maior parte do tempo que passou neste país, identificou-se com eles e gostava de escrever sobre as suas vidas.

Em 1961, por pouco tempo, Miguéis gozou da companhia de um notável escritor angolano, o romancista Fernando Castro Soromenho. Soromenho não permaneceu muito tempo na cidade de Nova Iorque e voltou para o exílio em França, depois de alguns meses a leccionar. Miguéis encontrou-se com outro extraordinário intelectual português, o professor e escritor Jorge de Sena, quando Sena voltou costas ao Brasil, primeira escolha de exílio, e se mudou para Wisconsin, em 1965, e depois para a Califórnia. A amizade que travaram teve de ser epistolar e, ao contrário de Sena, Miguéis não escrevia cartas facilmente. Dessa forma, sentia falta do constante estímulo que se recebe na própria língua tanto de amigos como de desconhecidos. A solidão do expatriado tinha, apesar de tudo, duas vantagens. Permitia a completa imersão nas experiências anteriores de uma vida inteira e fornecia perspectivas que lhe possibilitavam ver as gentes e o país à distância. Essa distância só aumentava o amor que lhes tinha – amor crítico, não preocupado com a felicidade – ou pelo menos, não os pondo tão ao corrente da realidade como *ele* tentava estar.

II

A reputação de Miguéis como autor ficará, arrisco-me a prever, sempre ligada às mais de cem histórias que escreveu – narrativas, histórias e noveletas. Uma noveleta com o toque de Dostoievski, *Páscoa Feliz*, trouxe-lhe reconhecimento, sem dúvida por corresponder ao interesse despertado por uma ciência nova, a psicologia. Outras histórias agradaram aos leitores portugueses por outras razões – sentimentalismo salpicado de humor na longa história «Saudades para a Dona Genciana» (1956) ou entusiasmo vigário de uma luta entre dois machos ciumentos em «Regresso à Cúpula da Pena» (1948). As duas histórias evocam a vida em Lisboa, como era na juventude do autor e – atracção maior – na juventude de muitos leitores, antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Miguéis descreveu pormenores tão característicos que só um escritor observador e subtil podia apreender. Para o fazer, tinha de conhecer Lisboa tão intimamente como Balzac conhecia Paris do seu tempo ou Dickens a sua Londres. Miguéis completou este retrato da vida lisboeta na transição entre a monarquia e a república, num romance marcadamente autobiográfico, *A Escola*

do Paraíso (1960), em que as histórias estão organizadas por sequência cronológica.

Noutras histórias que se tornaram favoritas, ofereceu, com profusão, aventura e viagens noutras terras; os narradores ficcionados relataram encontros com pessoas simples, mas de grande coração, em locais no estrangeiro, como é o caso de Cosme, entre os trabalhadores da construção civil da cidade de Nova Iorque, ou Léah, a criada de quartos flamenga, em Bruxelas.

Apesar de ter tentado a poesia e o drama, Miguéis dedicou as suas energias a outros géneros de prosa, à *crónica* (episódios em prosa) e ao romance. Foi um mestre nestes géneros. Pelos comentários que fez sobre pessoas e lugares nas crónicas merece particular referência. Não foram escritas à pressa, mas elaboradas com uma atenção escrupulosa, procurando encontrar a expressão adequada. Revelam também as suas experiências pessoais, sentimentos e opiniões sem qualquer tipo de disfarce ficcional. Embora não fosse sua intenção revolucionar a técnica de escrita do romance, variou de abordagem de romance para romance. Uma delas, a história policial *Uma Aventura Inquietante* (publicada como série em 1934-1935), foi escrita meramente para entreter. Outra ainda, trata de um tema regional que sugestionou muitos ensaístas e romancistas portugueses; em *O Pão Não Cai do Céu* (primeiro escrita em 1927, na forma de drama, depois publicada postumamente em 1981), narrou a luta dos camponeses sem terra na província do Alentejo, o celeiro de Portugal. Nenhum outro escritor português iguala o seu estilo épico. Mais do que qualquer outra coisa, ele pretendia suprir a falta de um *particular* tipo de crónica ficcionada sobre a vida portuguesa no primeiro quartel do século xx. Para poder descrever com rigor o Portugal do tempo da República, não podia ser tolerado pelos propagandistas do regime ditatorial que a tinha destruído em 1926. *A Escola do Paraíso* consistira apenas numa ligeira aproximação ao prelúdio deste período crucial. Quando Miguéis se tornou mais falado na sequência de *Idealista no Mundo Real*, os censores intervieram imediatamente, para desespero do autor. «Embora a acção deles simplifique o meu trabalho», escreveu ele de um modo sarcástico «piora os meus medos: que devo ou o que posso escrever?». Surgiu depois um segundo romance. O episódio central dava uma

interpretação racional e plausível às aparições miraculosas da Virgem Maria em Fátima. A protagonista Salomé, uma boa rapariga obrigada à prostituição, ironicamente parece ser tomada pela Virgem quando aparece, luminosa, a três crianças, deslumbradas, no meio dum descampado, na região mais pobre de Portugal. O romance não podia ser publicado. «O meu romance *O Milagre* (impublicável)», escreveu-me ele, «é a minha obra principal, a única que significa algo para mim. Imagine a dramática situação de um autor que sabe que não pode publicar o que está a escrever! E escrevi outros romances como este...». Após o derrube da ditadura, o romance apareceu, em 1975, mas não interessou nem os críticos nem os leitores, talvez porque o fermento revolucionário dos anos 70 não fosse a atmosfera ideal para ler ficção referente a um passado doloroso, mas descrita não politicamente e sem atitudes de propaganda anticlerical.

O Milagre encaixava-se na definição feita anteriormente por um crítico. Consistia num «realismo ético», se «ético» significar empatia pelos protagonistas humildes, fidelidade aos acontecimentos, sinceridade que desmascara a hipocrisia e destrói ilusões, e um sentido construtivo da imaginação. O autor deu a sua própria definição numa nota acrescentada ao trabalho: *O Milagre* era o romance de Salomé e o dos desastres políticos; era o romance de si próprio, da sua gente e do seu tempo. Não se tratava de mero divertimento, acrescentou, mas de um trabalho sério, representação simbólica da época, da atmosfera, da forma de pensar colectiva que tinha levado ao golpe de 26 de Maio de 1926 e às consequências posteriores.

A ficção de Miguéis normalmente elabora experiências, muitas das quais são as suas, com a curiosidade de um investigador jornalístico, a preocupação de um advogado pelo testemunho verdadeiro, ou a intenção de um pedagogo em transmitir conhecimentos. Tendo escrito para jornais ao longo da vida, queria sobretudo noticiar. No melhor estilo, observou as falhas dos seres humanos, incluindo ele próprio, com graça e humor, entre as quais salientou a incrível capacidade que temos de nos iludirmos a nós próprios, tal como aos outros. Para exemplificar, escolheu dois fenómenos históricos que tinha seguido atentamente, as expectativas fantásticas dos pretendentes falsos entre os exilados russos e o entusiasmo messiânico causado, desde 1917, pelas aparições de Fátima entre milhões de católicos.

Nas histórias, Miguéis começa tipicamente pela realidade objectiva, situada num passado recente e a certa distância, usando-a como impulsionadora do desenvolvimento de sonhos desejados ou de pesadelos opressivos, finalizando com um retorno à realidade. Assim, *Léah* começa com uma breve evocação dos inquilinos de uma casa alugada em Bruxelas, da proprietária e da sua criada Léah, com as seguintes palavras: «Lembro perfeitamente a tarde quieta em que...» Depois o tempo é colocado em perspectiva: «Só hoje, a tantos anos de distância...» Léah atrai irresistivelmente o estrangeiro solitário que narra a experiência. Léah torna-se a amante ideal: «Quanto naturalismo, quanta exuberância, e que saudável!» Está sempre disponível para ele. Quando ela propõe que fujam para Paris, ele recusa – lamentando a cobardia. Quando volta ao mesmo local muitos anos mais tarde, a casa de aluguer tinha desaparecido e Léah vivia com o marido e o filho.

A figura da jovem mulher que oferece o seu amor ou a sua extrema dedicação a um homem infeliz aparece constantemente nas histórias. Surge, a primeira vez, na jovem enfermeira do relato autobiográfico da paralisia que o ia matando no Hospital Bellevue em Nova Iorque, *Um Homem Sorri à Morte – com Meia Cara* (1959) e, numa segunda vez, numa novela profundamente comovedora, *A Múmia* (1971). «O que é que faz as mulheres tão boas, tão sensíveis à nossa dor?», pergunta no primeiro trabalho «Talvez uma espécie de maternidade difusa? Ou, porque sofrem mais, sentem talvez melhor a dor alheia? Quanto temos que agradecer-lhes e esperar delas! De quanto temos que penitenciar-nos, e quanto nos falta reparar e compreender!»

Por fortes razões pessoais, o escritor exilado preocupava-se também com os problemas relacionados com o passado e o presente. Muitas vezes sentiu a impossibilidade de reconstruir o que tinha sido destruído, procurando «os mundos perdidos ou imaginários que deixaram de existir no espaço e no tempo» (*Paços Confusos*, 1982). Imaginativamente, lidou com o passado irrecuperável em *A Múmia*, um título que é uma metáfora da sabedoria humana: O passado é um cadáver que carregamos connosco, a múmia na urna de cristal, a aparência de perpetuidade – oca.

O mesmo conto, *A Múmia*, levantou uma segunda questão que preocupava o escritor, como preocupa muitos nesta idade, o problema da identidade humana. O protagonista masculino é levado a tomar consciência das profundas mudanças que sofreu com a idade e o exílio.

Apercebe-se que está dividido em duas personalidades: o pragmático, protegido por uma concha resistente e preparado para enfrentar qualquer nova reviravolta do destino e, no interior dele, o intransigente reprimido, o ingénuo idealista que tinha sido na juventude.

As reflexões abundam nos trabalhos de Miguéis. Muitas dizem respeito ao trabalho do escritor. Outras, como as duas mencionadas, referem-se à espécie humana. Gostava de contrastar a noção de autenticidade, rígida como cristal, com o crescimento contínuo e a lenta sedimentação das várias camadas que compõem uma personalidade. «Vemos o indivíduo como vemos um cristal: em facetas e arestas, mas nunca no lento mecanismo da sua formação», observou no *Espelho Poliédrico*. A dificuldade em agarrar o variável, o multifacetado, o contraditório da natureza humana tornou-o muito humilde no desempenho da tarefa. Num outro episódio do mesmo livro, confessou: «se por vezes me sinto como um homem que, numa parede móvel, parabólica, pintasse sem fim um panorama-caos, sem já saber onde e como ele começou, nem para onde vai ou como acabará, se acaba, mas teimando em atingir a realidade da sua presença num mundo que não pode abraçar nem conhecer senão à medida e na restrita medida em que o pinta».

Miguéis esforçava-se por ser objectivo e lúcido, afastando a sentimentalidade nostálgica que os portugueses acarinhavam na palavra *saudades*. Uma vez protestou, quando descobri a palavra *saudades* nas belas evocações da velha Lisboa da sua infância, que incorporou em *A Escola do Paraíso*. «Mas, escreveu-me ele em 1962 (com a sua partida), o meu objectivo não é a nostalgia. Não é para lembrar, mas para reconstruir uma personalidade vendo como o tempo e o ambiente a modelaram. A nostalgia dá cor àquilo que faço, mas também dá amargura.» Dotado de excelente memória, era obcecado pelo passado. Fiel, no entanto, ao grupo da *Seara Nova*, pretendia destruir o peso morto dos mitos que tinham ofuscado o passado recente.

III

O que este escritor português tem para oferecer ao leitor americano pode ser resumido em três tópicos: a visão de um *outsider* da América, bem documentada, particularmente da cidade de Nova Iorque; um

melhor conhecimento dos imigrantes portugueses comuns e algumas análises profundas da forma de pensar dos portugueses.

Os cenários americanos são a base de uma dúzia de contos de Miguéis, dos quais cinco, dos onze, se integram nesta colecção: «Beleza Orgulhosa», «Cosme», «O Natal do Dr. Crosby», «Uma Casa Portuguesa» e «Inauguração». Outros contextos americanos ocorrem nas muitas colunas de jornais, como relatos de experiências com oficiais, operários, vadios, artistas, médicos, etc., ruas, bares, pontes – dentro da cidade e no campo. Assistimos às modificações, por exemplo, do aspecto de Manhattan ou, noutro episódio, às atitudes raciais que ocorreram nos quarenta e cinco anos após o autor ter desembarcado, em 1935. A abordagem que faz é afectuosa. Só pode sentir-se agradecido pela calma, anonimato e relativo conforto que lhe permitiram continuar a vocação de escritor, mesmo quando ele e a sua mulher Camila tiveram de trabalhar arduamente para ganhar a vida. Nem todos os que tiveram de contactar se mostraram agradáveis e o escritor não esquece os episódios desagradáveis; mas o retrato que faz, no seu conjunto, é o de uma sociedade mais aberta, mais igualitária, mais respeitadora e, nos momentos de crise, mais disciplinada do que a maior parte dos povos que tinha conhecido noutros lados. Em determinada *crónica*, contrasta o caos, que calcula iminente, com a ordem que verifica, numa noite em Nova Iorque, quando uma falha de energia deixou a cidade às escuras até de madrugada. A descrição termina com uma nota de humor malicioso: a taxa de nascimentos aumentou nessa noite e, estranhamente, a taxa de divórcios também. Terá sido pelas pessoas terem confundido os pisos e os quartos no escuro? «A Noite em Que o Pânico Falhou».

Miguéis propicia olhares íntimos ao carácter, esforços, prazeres e crises dos portugueses simples que, como o clandestino em «O Natal do Clandestino», entravam com frequência ilegalmente neste país, sob prisão. Conhecia-os bem, tendo colaborado nas suas organizações nos primeiros anos da estada na América. Apesar de sentir a ingratidão do próprio sofrimento, evocava os compatriotas sem azedume, compreendendo as privações que, tal como outros imigrantes pobres, tinham de passar.

Descrita rapidamente nas histórias, a alma portuguesa é revelada no comportamento dos imigrantes e nas suas palavras. O que se

pode observar mais nitidamente nas novelas, onde se traça um panorama das diferentes classes sociais portuguesas. «Regresso à Cúpula da Pena» e «Saudades para a Dona Genciana» servem de bons exemplos. Os melhores encontram-se em três novelas lisboetas já publicadas. Aí pode observar-se a forma como os portugueses orientam as vidas, num país pequeno, sobrelotado e dirigido por classes sociais, sempre virado para a história do passado, num tipo de vida frustrante para qualquer jovem, rapaz ou rapariga, ambicioso. «Tudo isto me enerva», afirma o narrador em *Saudades para a Dona Genciana*, «esta mediocridade e monotonia, este flutuar de ambas na estagnação. Farto!»

Miguéis era muito mais do que um «simples contador de histórias português», como um dia chamou, modestamente e em ar de troça, a si próprio. Era mais do que um colunista produtor em série de histórias de interesse humano. Acima de tudo, era um romancista que fazia da sociedade contemporânea o seu principal tema. Apesar de continuar ligado ao velho e pequeno país de onde veio, nada havia de provinciano ou mesquinho na sua maneira de ser. A sua escrita atravessa continentes. Tendo vivido também na Bélgica, nos Estados Unidos e no Brasil, considerava tarefa fácil escrever sobre os portugueses que iam viver para outras partes do mundo, assim sobre outros «latinos» ou belgas, russos e americanos.

O seu pensamento era um feixe de contradições e tensões nervosas. Um viajante entre duas cidades, Lisboa e Nova Iorque, sentia-se dividido entre o desejo de uma vida sossegada, anónima e a necessidade do reconhecimento público (que agora lhe foi prestado e, na altura, pelos compatriotas e mesmo pelo governo do seu país, no fim da vida), entre a obrigação de viver responsabilmente e conscientemente no presente e lutar contra as memórias vivas do passado.

Existem traduções das obras de Miguéis em alemão, polaco, italiano e esperanto, mas em inglês só existem versões de dois ou três contos. Foi feita uma tradução da novela *Páscoa Feliz* em Inglaterra, mas a tradução não foi publicada. Mais tarde ou mais cedo, estas obras do pensativo e irónico humanismo chegarão a este lado do Atlântico.

Nenhum outro prosador português contemporâneo o merece mais. Portugal teve sempre, em abundância, bons poetas. Os prosadores são demasiado provincianos nos hábitos e na maneira de se exprimirem

para poderem ser traduzidos noutras línguas. Só um único romancista, Eça de Queirós, tinha interesse universal – e nem sempre. Talvez tivesse sido necessário o longo exílio para dar a Miguéis perspectiva e profundidade.

IV

Embora tente, não posso ser friamente objectivo com Miguéis porque nos conhecíamos há mais de trinta anos. Uns meses antes da sua morte, voltei-o a ver na cidade de Nova Iorque, depois de um longo intervalo. Apesar da idade (tinha 79 anos), do coração fraco e de uma surdez avançada, falou entusiasticamente de vários manuscritos que preparara para publicação, entre os quais outro romance, *O Pão Não Cai do Céu*. Disse que já tinha em mãos outros projectos, como fazer a selecção dos seus *mil e duzentos* relatos em prosa que tinham sido publicados num diário lisboeta, o *Diário Popular*. Recusara, havia algum tempo, convites para palestras. Além disso, quando preparava uma palestra, escrevia o suficiente para trinta, como se queixava, só para chegar ao fim e achar que era impossível decidir qual devia usar e que formato lhe havia de atribuir. Não, não era isso que pretendia. O que verdadeiramente desejava era sentar-se à sombra de uma árvore, num campo verdejante, meditar e escrever. Em seguida, após um bom almoço num dos restaurantes brasileiros de Manhattan, o Cabana Carioca, apertámos as mãos, despedindo-nos – para sempre.

Nota bibliográfica

Existem ainda algumas ajudas para os leitores que pretendam obter mais informações sobre a personalidade, vida e obra de José Rodrigues Miguéis:

1. Um curto mas substancial artigo biográfico de Jorge de Sena encontra-se no *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, segunda edição, J. A. Bédé e W. B. Edgerton (New York: Columbia University Press, 1980).

2. Um excelente guia da obra e dos factos essenciais da sua vida da autoria de John Austin Kerr, Jr. *Miguéis - To the Seventh Decade* (University, Mississippi: Romance Monographs, 1977).
3. William B. Edgerton examinou a influência de Dostoievski em Miguéis em «Spanish and Portuguese Responses to Dostoievski», *Revue de Littérature Comparée*, 55 (Julho-Dezembro de 1981), pp. 419-438.
4. A influência que as doutrinas da *Seara Nova* tiveram sobre Miguéis durante os anos formativos é analisada por G. Moser em «The Campaign of Seara Nova and Its Impact on Portuguese Literature, 1921-1961», *Revista Luso-Brasileira*, 2 (Verão de 1965), pp.15-42.
5. Os que conhecem a língua portuguesa poderão ter interesse nas últimas opiniões de Miguéis sobre a sua actividade de escritor e nas suas reflexões durante os anos que passou nos Estados Unidos, relatadas numa entrevista conduzida por Carolina Matos. Neste caso, trata-se da última entrevista das muitas que deu ao longo da sua vida. Consulte a Gávea-Brown, I (Janeiro-Junho de 1980), pp. 42-48.

G. M. M.

Notas

* As traduções em inglês de todas as citações dos textos de Miguéis são da minha autoria.

* Em Inglaterra, Ann Stevens traduziu para inglês *Léah*, mas dois periódicos ingleses rejeitaram essa tradução, como Miguéis me informou no dia 27 de Julho de 1962. Nessa mesma carta, comunicou-me também que duas traduções francesas e uma alemã de *Páscoa Feliz* não tinham encontrado quem as quisesse publicar. Esta obra, no entanto, foi traduzida e publicada na Polónia, em 1979 ou 1980, segundo Camila Miguéis. A sua tradução em inglês está a ser preparada por William B. Edgerton.

XIII. CONVERSA COM CAMILA MIGUÉIS

Conduzida por *Maria de Sousa*

Maria de Sousa:

Vou começar por referir algo que se relaciona com a cidade de Nova Iorque. Na próxima Primavera, teremos uma série de conferências - na Cornell Medical School - onde pessoas que nada têm a ver com Medicina vão falar aos docentes e estudantes. A senhora Dennis Healey, mulher do ex-Ministro das Finanças de Inglaterra (Partido Trabalhista), virá fazer uma conferência baseada no livro que está neste momento a escrever. O título da conferência é «Não sabia que ele tinha mulher». Ela vai falar sobre as senhoras Marx, Einstein e Livingston. Aguardamos com grande expectativa esta conferência.

Felizmente, a tradição portuguesa é um pouco diferente, sabemos quem era a mulher do rei D. Dinis e conhecemos as várias mulheres que os reis tiveram. Na verdade, depois das rainhas nunca mais a tradição se preocupou em informar sobre o conjunto das grandes mulheres que foram casadas com grandes homens. Por isso, penso que é realmente um grande privilégio termos esta oportunidade da presença de Camila Miguéis entre nós. Ao longo deste encontro foi referido que Miguéis emigrou para os Estados Unidos, o que considero uma conclusão correcta. No entanto, não é totalmente correcta, pois não apresenta uma marca humana. Numa altura em que podia escolher ficar com a mãe e a irmã em Lisboa, e uma primeira mulher na Bélgica, a mulher que escolheu para viver os cinquenta anos que passou neste país foi a que mais amava. A importância desta escolha ficou provada nos cinquenta anos que se seguiram. Portanto, não emigrou para os Estados Unidos; seguiu a mulher que amava e que